

PORTE
PAGO

Quinzenário * 10 de Janeiro de 1981 * Ano XXXVII — N.º 961 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DO TEMPO

1 Hoje é a Festa da Sagrada Família. Vivemos ainda, até na sensibilidade, o Mistério do Natal. A Obra da Rua nasceu neste tempo e o pensamento de Pai Américo mergulha suas raízes no humus dos valores absolutos que o Natal encerra e nos sugere: silêncio, pequenez, pobreza, obediência, amor, paz... Em Nazaré era assim. No silêncio de uma vida aparentemente vulgar, Deus fez-Se pequenino, pobre, obediente, em Jesus Cristo, por amor dos homens, para os tornar ricos da Sua Misericórdia, participantes da Sua Caridade, capazes da Justiça, senhores da Paz. Esta é a ordem que a Revelação insinua: Tudo começa em Deus e é transmitido ao Homem para que ele receba e opere. O fruto a colher não será ainda o Paraíso, mas um mundo razoável onde haja alegria de viver.

Porque não é assim? Porque teimam os homens em procu-

rar não sei que **novas ordens** das quais resulte o bem-estar de todos na suficiência, na paz? Porque rejeitam o Dom de Deus?

Por isto Pai Américo escreveu que «todo o regresso a Nazaré é progresso social». E demonstrou o que disse com o que fez. A Obra aí está, pujante de vida, fecunda, livre, apesar das muitas, naturais, comuns misérias de que estão repletos os seus obreiros. Mas a Bondade de Deus é maior do que a maldade dos homens. A «explosão do sobrenatural» mais poderosa do que a desagregação emanante da nossa frágil natureza. Se o rumo escolhido é «o regresso a Nazaré»; se é essa a vontade perseverante, a «opção fundamental» do homem perplexo e pecador — «o progresso social» será.

Pai Américo acrescentou a progresso social o qualificativo «cristão» — «progresso social cristão». Queria dizer que o

progresso social não se entende sómente como prosperidade de material, mas como riqueza interior, aquela que só de uma consciência tranquila pela vivência dos valores espirituais que nos vinculam a Deus e aos outros homens pode provir e crescer. Por isso, que «vale mais a alma do que o corpo», pôr a mesa, chamar e chorar pelos que não quiserem vir — chorar os nossos pecados».

O Evangelho safa assim espontâneo da pena de Pai Américo. O Evangelho que foi sempre a sua mensagem por palavras e por obras! O Evangelho que é sempre a Boa Nova para o tempo e para a Eternidade!

2 Outra virtude de Nazaré: o trabalho. Ao chegar à vida pública, Jesus era conhecido na Sua terra pelo Filho do Carpinteiro. Não se Lhe conhece nem a Seus Pais outra fonte de rendimento que não fosse o trabalho. E tanto assim devia ser, tão ao rés dos outros pareceria a Sua vida escondida, que a novidade da doutrina e o ex-

traordinário das obras, escandalizou os seus conterrâneos: «Donde Lhe vem tal sabedoria e tal poder? Não é Ele o Filho do Carpinteiro...?» A tal ponto que nem Jesus escapou à regra do Profeta não ser aceite pelos seus!

O trabalho, outro instrumento de progresso social. O trabalho acolhido como norma do Homem, filho de Adão — «Comerás o pão com o suor do teu rosto»; pelo trabalho, «dominarás a terra e possuilas». O trabalho, ocupação do Homem e sua principal atracção. O trabalho de que virá a riqueza a distribuir. E quanto mais tónica for a ideia da distribuição no produzir da riqueza, tanto mais livre será o trabalho e experiência da mais genuína liberdade.

Também assim pensava Pai Américo, ao fazer dele instrumento precioso e insubstituível da sua pedagogia:

«A vida de trabalho deve seguir a par. Um dia de trabalho corresponde a uma noite tranquila e sã. Cada Rapaz tenha a sua obrigação e seja chamado a contas por ela. Que nunca se ocupe o estranho em trabalhos que possam ser fei-

tos por eles. O brio, a iniciativa, a personalidade — tudo procede desta fórmula. É a nossa divisa: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. O trabalho deles, por mãos deles, querido por eles, é, ainda, a extinção lenta e sadia dos defeitos morais que os afligem.»

Que formidável programa Pai Américo condensou neste parágrafo do seu Testamento! Precioso na vida espiritual, quanto o não seria a enformar um projecto político!

Anda tão mal visto o trabalho! Tão discutido, tão regateado! Tantos feridos! Tantas «pontes»! Tantos serviços públicos indiscutivelmente necessários, como os correios, por exemplo, que desde a última 4.ª feira até amanhã, 2.ª feira, não funcionaram! Progresso sem trabalho a sério, generoso — quem acredita?!

O Ano Novo vai trazer-nos Governo novo. Lemos nos jornais que será um Governo «forte». O que é um Governo forte, não sei. Nunca vi nenhum classificar-se de fraco. Veremos...

Um teste bem expressivo da sua fortaleza será repor este bom Povo (mas desorientado por tanta filosofiasse de pataco) a trabalhar, a sério, conscienciosamente. Veremos...

Padre Carlos

Aqui, Lisboa!

«O padrão da Obra é a família; vida familiar. Eis a escola natural da sólida formação do homem.» (Pai Américo)

Escrevemos na Festa da Sagrada Família de Jesus, Maria e José, conscientes das imensas responsabilidades que sobre nós recaem como chefe desta Família, que é a Casa do Gaiato de Lisboa. Não queremos deixar de aproveitar o facto para uma reflexão profunda sobre temática tão actual e, numa linha de empenhamento e de conversão, pedirmos do Alto as luzes indispensáveis para bem assumirmos a nossa missão, sem tibiezas nem concessões fáceis.

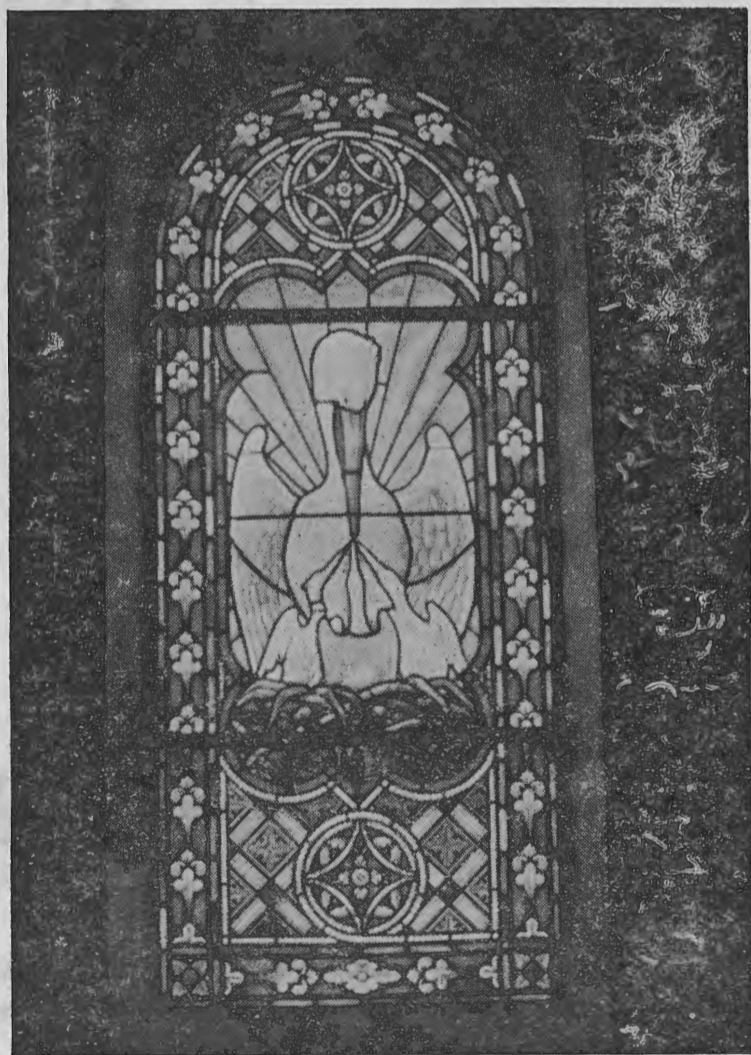
Infelizmente, porque não dizê-lo, nem sempre os respon-

sáveis primeiros da Obra, por fraqueza ou cansaço, estão à altura das suas graves obrigações. Não basta pregar a doutrina sobre a família. É preciso viver em coerência o que ela comporta, dando exemplos de unidade e de harmonia, «suportando-nos uns aos outros e perdando-nos mutuamente, revestidos de sentimentos de misericórdia, de bondade, humildade, mansidão e paciência». É, acima de tudo, como nos sugere S. Paulo na liturgia do dia, tendo em vista «a caridade, que é vínculo da perfeição». E, acima de tudo,

verdade, pois, como afirmou João Paulo II no encerramento do último Sinodo, «é a verdade que liberta; é a verdade que ordena; é a verdade que abre o caminho à santidade e à justiça». E ninguém diga que está dispensado de fazer revisão de vida e de acertar as agulhas em matéria de tal monta.

Deixando para outra ocasião considerações diversas, atinentes aos deveres dos cônjuges entre si e em relação aos filhos, falemos, ainda que abre-

Cont. na 4.ª página



A imagem do Pelicano — na Capela da nossa Aldeia de Paço de Sousa — é um símbolo que traduz valores absolutos.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

TORNEIO FIM D'ANO — Realizou-se desde o dia 26 até 31 do mês passado mais um torneio, organizado pelo nosso Grupo Desportivo, como vem sendo habitual, para atletas populares de concelhos vizinhos (Penafiel e Paredes).

As modalidades praticadas neste torneio foram: damas, ténis de mesa e atletismo, que terminou com a tradicional corrida de S. Silvestre, num percurso de 15.000 metros. Participaram muitos atletas em todas as modalidades desportivas.

Nesta edição não posso expor os resultados finais devido à minha ausência e o jornal ser composto com antecedência — nem tampouco mais pormenores das provas. Assim, no próximo número, darei resultados. Oxalá os nossos atletas tenham uma boa classificação e boas provas.

CONVÍVIO/80 — Também o nosso conjunto não quis deixar de oferecer um bom reportório musical no fim do ano. Organizou uma festa-convívio na passagem do ano.

Neste convívio foram entregues os respectivos prémios aos briosos atletas que ocuparam os lugares cimeiros.

Com boa música, gravada e tocada pelo conjunto e ainda serviço de bar, foi uma festa maravilhosa, para que o ano velho fosse mais rápido e deixasse vir o Ano Novo.

Quem não gostaria de passar o fim d'ano com uma noite destas? Acho que todos gostavam de o ter passado maravilhosamente. Para o ano há mais. Vamos a ver!

PODA — A nossa poda já começou e há bastantes dias. Uma quinta como a nossa, claro, demora muito tempo a acabar com a poda, pelo menos 3 meses. Há muitas videiras, aqui em nossa quinta. Quando é para apanhar as vides é que são elas, com este tempo, logo de manhã gelada...! A malta nem aguenta com as mãos frias.

SERVIÇO MILITAR — Mais dois. A pouco e pouco, a gente crescida da nossa comunidade está a desaparecer, as oficinas sem gente, novas eleições de chefe-maioral, etc. Desta vez foram chamados o Manuel Rodrigues e o Sabino. A nossa tipografia está a ficar depenada de pessoal. Da impressão, composição e encadernação... Desta última vai o Sabino. Mas, com tempo, tudo se arranja.

AINDA O NATAL — O nosso Natal foi maravilhoso, alegre, harmonioso. Muitas pessoas amigas não se esqueceram de nós. Não queriam que passássemos um Natal triste, nem que nos preocupássemos de nada e tivéssemos a nossa mesa abundante e farta. Repartimos, com amor, a nossa alegria com Irmãos mais pobres.

VISITA ÀS FAMÍLIAS — Como já havia dito, os rapazes que ainda têm restos de família capaz foram passar o fim d'ano a suas casas. Como eu, também.

Esta saída movimentada sempre a

comunidade, desde a troca de correspondência até à marcação das horas de viagem.

Vai tanta gente que segue a carrinha ao Porto, expressamente nesse dia.

No regresso, todos contam as maravilhas da viagem. Até mesmo aqueles cujas famílias são bem mais pobres, falam do convívio e da recepção de vizinhos e familiares.

«Salsichas»

MIRANDA DO CORVO

NATAL — Que bom ouvir esta palavra! Mais uma vez os homens de boa vontade celebraram o nascimento do Filho de Deus feito Homem.

Em nossa Casa a quadra natalícia é sempre motivo de festa e de alegria. Ainda quando faltam alguns dias já se nota uma certa agitação no nosso quotidiano. Uns começaram por limpar toda a Casa, imprimindo-lhe um forte cheirinho e brilho de cera. O sr. P.e Horácio lá foi à procura do «fiel amigo» para que ao menos na nossa consoada houvesse uma postinha razoável de bacalhau para cada um, acompanhada pelo azeite, couves e batatas, refeição que é sempre saboreada da melhor maneira; outros foram ao musgo para a ornamentação do presépio que, este ano, ficou a cargo do Paulito e do Chiquitozé; o Tonito e o «Lacinho» fizeram as broinhas, que ao sairem do forno estavam tão apetitosas! Na véspera de Natal, à meia noite, reunimo-nos todos na nossa Capela que estava apinhada, tornando-se pequenina demais para tanto calor humano. Seguiu-se uma pequenina refeição que compartilhamos com alguns dos nossos amigos cá de Miranda.

No dia de Natal, logo de manhã, houve a distribuição das prendas: carros, piões, aviões — tudo praticamente oferecido por todos aqueles que gostam que estes dias sejam de alegria para todos. Como era consoladora a alegria nos olhos dos mais pequeninos por receberem um simples brinquedo! Durante o resto da manhã foram chegando alguns, dos nossos já casados e uma ou outra pessoa de família de algum. Por fim, ao meio-dia, recebemos a visita do sr. D. João, Bispo de Coimbra, visita que nós gaiatos recebemos sempre com muito agrado. Depois de nos ter dado um certo conforto espiritual através das suas palavras, na Santa Missa, convidamo-lo a tomar parte no nosso alimento corporal, que decorreu no melhor clima de festa. A hora da despedida é aquilo que sempre custa mais, mas estamos certos de que esta não será a última vez, por isso sempre que queira, as nossas portas encontram-se abertas.

Na parte de tarde é que muitos daqueles que já por esta Casa passaram, vieram até cá para matar saudades. E digo isto, porque em conversa com um deles, a certo momento exclamou: — «Que saudades eu sinto de tudo isto!» Assim como este, muitos houve que apesar de gostarem de cá vir, não puderam. Na véspera apareceu o João Martelo dizendo que não poderia estar pre-

sente, por isso vinha trazer os bolos. Também o Humberto telefonou a dizer que já lá tinha um enorme bolo-rei, sendo preciso a carrinha para o ir buscar.

Ao serão houve uma pequena festa-convívio preparada por alguns de nós e por um amigo nosso de Coimbra que, durante vários dias, já vinha fazendo as suas seroadas na elaboração do programa, contribuindo assim para que ela fosse uma verdadeira manifestação de amor. A todos os que cá vieram e àqueles que, por qualquer motivo, não puderam estar presentes, tanto fisicamente como por correspondência, nós desejamos uma continuação de Boas Festas.

Agora, enquanto escrevo, lembro-me do nosso Tonito que está em Coimbra num curso de iniciação para catequistas, preparando-se assim para ajudar os nossos mais pequeninos a perpetuar o Natal durante todos os dias do ano. Que bom o Natal não ser só um dia!

Joãozinho

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Os Pobres receberam uma boa consoada. E não poderíamos esquecer os de freguesia vizinha, onde Pai Américo nasceu, cujos Amigos lembrou, sempre, mais abonadamente, em quadras festivas.

Há lá uma Conferência vicentina, lançada por intermédio da nossa, após a ida de Pai Américo para o Céu. O sopro veio de Lá. É bom compreendamos deste modo, à luz da Fé. Que tudo o resto passa. Só o amor pelos Pobres não, tendo por pedra angular o Senhor Jesus de Nazaré.

— V. estão depenados?...

— Pois estamos! Gastámos muito na reparação de moradias...

— Então vamos mandar uma ajuda para a consoada.

— Que jeito faz!

E o vicentino explode de alegria — como os Pobres!

Na linha de Pai Américo «a gente não espera que nos procurem, para assim haver ocasião de ir adiante e ser o primeiro a chegar».

● O telefone toca. É uma funcionária de Caixa de Previdência, em Setúbal, defensora oficiosa daquela Viúva (com filhos diminuídos mentais) no deferimento da pensão de sobrevivência.

— A nossa colega, da QNP, informa que já foi deferida a pensão. A Viúva receberá 130 contos de atrasados, lá para Março ou Abril de 1981...

Tamanha satisfação que desejariam a publicação duma gravura da Viúva — só para lhe verem a face!

O caso é digno de menção especial, quanto a possibilidades de entreajuda para maior eficiência no sector. Já afirmámos directamente ao mais responsável: «Defendam os Pobres!» E que ao menos os trabalhadores do Seguro Social procurem vencer a burocracia e sirvam os Pobres como a si mesmos. É o primeiro

Mandamento e os restantes pendentos deste. A pressão que possam exercer, pelos lamentos constantes que passam por suas mãos, é uma força na procura de eficácia.

Rejubilamos por muita gente anónima, que trabalha no meio, em grande sintonia connosco; exactamente porque denunciámos omissões e deficiências que bradam aos céus e provocam enormes carências, mesmo fome temporária no estômago de muitos Pobres!

Em relação à pequena fortuna da Viúva, só nos resta acrescentar que depositará a importância, em seu nome, na Caixa Económica — para evitar tentações familiares.

— V. agora é uma rainha!

— Deus me dê vida e saúde. Tenho passado tanto, tanto!... Não esqueço, não, de rezar todos os dias por quem me ajuda!

A oração dela movimentou um ror de gente. Quem duvida?!

● Domingo é sempre um dia grande e mais atarefado. Hoje, mal o sol desponta, há que sair da cama para acudir àquela mãe solteira cujo fim «está próximo».

Esta Madalena poderia ser uma marginal, ter um resto de vida difícil — como outras. Vive agora, porém, numa casa do Património dos Pobres e tem uma pensão que deu trabalho insano, do ponto de vista burocrático.

— Esta noite fui pró hospital. Isto está próximo... É do coração. Preciso de dinheiro p'ra me tratar, q'eu já fui também a um médico particular...

— Que bom ter guardado um resto dos atrasados da pensão!

O filho está longe e bem poderia ter a mãe consigo... Mas fica ao cuidado da vizinhança: — «Esta mulher foi comigo ò hospital». Em horas difíceis aparece sempre uma alma disponível, graças a Deus!

Está confortada. Celebra o Natal na solidão, é certo, mas com dignidade. E, no dia do Juízo — acreditamos — terá a Infinita Misericórdia do Pai Celeste.

E a marcha continua, num dia com ressaibos primaverais — à porta do Inverno! O sol aquece o belo Vale do Sousa, humedecido com as últimas chuvadas. Não há milho na eira nem tesouras de poda na mão. É domingo. Cafés cheios. Tráfego abundante. Moços e moças trocam amizade uns, perdem o melhor do tempo de vida, outros. A beira da estrada, passo lento, segue o pobre velho a quem pomos a mesa duas vezes ao dia, cuja boca mostra restos de comida.

— Tem um lenço?

— Sim senhor.

— Limpe a boca, se faz favor.

E limpou.

Quereríamos acompanhar o ritmo cadenciado deste Amigo, mas o tempo urge. Há outros à nossa espera.

Estamos junto a uma moradia, no cimo do monte, que recorda um santo homem — o senhor Dias — que motivou o Património dos Pobres. E fez estalar um grande incêndio no coração de Pai Américo que levou tantos homens de boa vontade, na década de 50, a dar condições mínimas de habitação a milhares de Pobres!

A gente pára ali, quase sempre, um bocadinho — em recolhimento. A beleza do sítio. A implantação das moradias, em cascata. O Pai Américo. O senhor Dias. As centenas de senhores Dias hoje com um tecto — Património dos Pobres — são motivo obrigatório de recolhimento.

Descemos a rampa. Frente a nossos olhos pecadores topamos a «Casa do Pessoal dos Caminhos de Ferro de Manica e Sofala». Trinta anos depois, estacamos com o milagre da multiplicação dos pães! Cristãos, judeus, indús, maometanos, crentes e descrentes, todo o mundo se curvou, abrindo a bolsa e a alma, ao anúncio do Santíssimo Nome de Jesus — de Cristo crucificado nos Pobres. Foi como que ler as Escrituras na praça pública e ver reeditada, *mutatis mutandis*, no século XX, a acção dos Discípulos do Mestre *naquele tempo*.

Chegamos ao calvário. Batemos à porta. — «Minha mãe e meu pai estão na cama, doentes...» Sai da cozinha — lareira acesa com ramos de vide — uma prole numerosa que tem passado delas com delas. A cara o diz.

Ele é um homem qualificado em trabalhos agrícolas, mas não resiste ao álcool! «Ataca-lhe a cabeça...» e só recupera no hospital. A mulher tem sido uma heroína, no meio deste calvário!

— Então V. está também na cama?!

— São doenças q'agente arranja... É aqui, nas costas.

Filhos limpos e arranjados. A casa é espelho da sua acção.

— Ele vem, do hospital, passar os fins de semana connosco.

O doente continua inserido no meio. A mulher, no entanto, já não tem forças para o advertir. Mas nós, delicadamente, que está sob acção terapêutica, referimos os problemas que o álcool provoca na saúde, nos domínios familiares, profissionais e sociais.

— Eu sou fraco... Eu sou fraco...

Cai uma lágrima furtiva, na hora própria. As crianças entendem. Fechamos a consoada na mão da mais velhita e todos espelham uma alegria de Natal!

Felicitemos a dona de casa, pelo arrumo e limpeza, que agradece o estímulo e solta um lamento contante: — «Nós pagamos 900\$00 de renda, por mês!...»

Vamos acompanhar o problema. E Deus permita o nosso homem recuperar. «Eu sou tão fraco...!»

PARTILHA — Muitas presenças, graças a Deus! Bom Amigo da Rua 9 de Abril, Porto, 500\$00. Idem do assinante 2642, M. P., Coimbra e Alcina de Famalicão.

Casal-assinante 17022, 200\$00. Dez vezes mais do Bombarral. Rua das Amoreiras, Lisboa, «minha ajuda de quatro meses». Cheque da Avenida da Boavista, 209. Outro de Cardigos. Mais outro de Lanheses. Rosa, de S. Mamede, sempre d'alma cheia! Bom Amigo de Fundão, também em cheque. Em vale de correio, 500\$00 de Montemor-o-Velho. O mesmo da



O terceiro volume do livro «DOCTRINA»

A afirmação de Pai Américo, transcrita na última edição de O GAIATO — «Desejariamos que as nossas palavras fossem carvões acesos, dessem às almas o alerta da Vida e a compreensão de que a Eternidade não é de maneira nenhuma aniquilamento ou fim, mas é antes a posse de si mesmo no gozo absoluto do bem que cada um faz, sem mescla de sofrimento — tem um formidável sabor de actualidade! Di-lo a correspondência motivada pelo terceiro volume do livro DOCTRINA, pelas obras que saíram da pena carismada de Pai Américo.

Aí vai uma pequenina amostra do que nos chega.

Lisboa:

«Só agora tive umas horinhas para ler o DOCTRINA. Sempre actual, sempre presente, vejo Padre Américo como se fora hoje que está falando connosco! O que mais me impressiona, é ver que os tempos mudaram tanto, tantas aflições vieram para o Mundo e para Portugal; mas esta Doutrina não mudou. Padre Américo mantém-se vivo, sem vacilar; presente, como se de longe estivesse olhando para nós, mostrando os erros que continuam neste Mundo e que a Humanidade não quer reconhecer!»

Alemanha:

«Como nos revelam os escritos de Pai Américo em todos os seus livros — e este último é mais uma confirmação — de que ontem como hoje a miséria à nossa volta continua a não diminuir, que a desgraça alastra a olhos vistos.

assinante 11162. Senhora muito amiga, de Aveiro, oferta natalícia. Vale de correio de Santarém: 1.300\$00. Seixal, 750\$00. «Eu e Ele», 1.500\$00 — pois «seria um enorme pecado esquecemo-nos de que os vossos e nossos Irmãos pobres têm de ter um Natal com mais alegria e um pouco mais de conforto». Rua Sá da Bandeira, Porto, 500\$00. O dobro da assinante 2811. Velha Amiga de Estremoz, a delicada oferta do costume — com muita amizade. Anónima de Fátima, donativo «pela conversão de todos os homens, principalmente dos meus seis filhos». No Lar do Gaiato, Porto, 250\$00. «Um leitor amigo, de Braga», com mil «em sufrágio da alma de um ente querido». Visitante, de Lisboa, com metade. Rua dos Bombeiros Portugueses, Faro, uma remessa muito oportuna. Por fim, mil de Maria Fernanda, d'algueres, «pedindo desculpa pela minha distração». Que simpatia! Amiga de Ermesinde, 500\$. Roupas de Braga. Aveiro, mil «para aliviar a carga da Conferência». Macedo de Cavaleiros, metade. De algueres, esta carta:

«Sou uma jovem de 21 anos que tem uma grande admiração pela Obra da Rua.

O meu pai é assinante de O GAIATO e eu, de vez em quando, leio-o ou dou uma olhadela, vendo o que me chama mais a atenção. Choca-me muito o enorme sofrimento e pobreza que afecta tanta gente, infelizmente.

O Natal é já esta semana, uma data em que muita gente oferece prendas a familiares e amigos. Eu também o faço e este ano quero também enviar-vos uma pequena lembrança, para alargar este círculo familiar. É muito pouco, pois as minhas possibilidades económicas também não são muitas, mas tenho uma alegria muito grande em partilhar o Natal convosco.

A minha migalha segue por vale de correio.

Que a coragem não vos abandone e que Deus vos dê sempre forças para prosseguir.»

Retribuimos, com muita amizade, os votos da quadra festiva. Para todos, muito obrigado.

Júlio Mendes

Que Deus Nosso Senhor dê mais compreensão à Humanidade, mais luz e amor aos governantes para que de uma vez por todas se ponha cobro a tais descontrolos e haja mais e melhores soluções para os menos protegidos na vida.

Que os livros de Pai Américo entrem nos Parlamentos e aí façam também luz bem verde aos que dirigem o Poder em prol da Humanidade e do Mundo.»

Mina de S. Domingos:

«Quero antes de mais agradecer por terem tão prontamente satisfeito o meu pedido de livros de Pai Américo. Já havia tido a oportunidade de ler alguns deles e agora que os tenho todos pude confirmar até que ponto a sua leitura é salutar ao espírito. Lendo-os, sentimo-nos pequeninos e quase me envergonho de chamar problemas aos meus «problemas!»»

Outra vez Lisboa:

«Recebi, esta semana, o segundo número de O GAIATO após ter-me inscrito. Mas o principal foram os livros do Padre Américo, de que ouvira maravilhas, mas que considerava «pieguices» de quem assim falava.

A sua leitura prendeu-me durante cerca de quinze dias, tempo que demorei a ler os três livros requisitados, não só pelo

interesse do seu conteúdo mas sobretudo por constatar a maravilha de encontrar uma alma afinizada com o Espírito de Cristo, pura, optimista, cheia de amor, serenidade!

Enfim, penso que só uma palavra traduz tudo quanto se possa dizer daquela singeleza: amor divino.

(...) Quisera dar-vos muito mais, mas ainda sou um principiante no «Caminho» e falho com os meus próprios filhos, como poderei ter a leivosidade de acarinhar os filhos do Próximo?

Muito aprendi com o Padre Américo. Pena que o meu marido leia e não compreenda! Tornava a nossa vida mais fácil, inclusivé a dele. Mas confio em Deus e sei que virão dias de perfeito entendimento e amor neste lar onde todos nos esforçamos por seguir as pisadas de

Cristo, muito embora ainda caminemos pesadamente, esmagando algumas flores. Mas tempos virão em que nem marcas os nossos pés deixarão no caminho, tal a leveza das nossas passadas, suavizadas pelo Amor de Cristo, pela elevação do espírito até às alturas cósmicas numa harmonia perfeita em Deus.

Porque esse é o fim último do Homem me alegre e encorajo, apesar de toda a miséria do Mundo. Que esta certeza fique também convosco e o nosso coração se compraza no Senhor.»

Só nos resta esclarecer os bons Amigos que a equipa de expedição de livros não espera pelo dia seguinte a aviar recados. Pedido chegado é pedido aviado!

Júlio Mendes

Mais Assinantes de «O GAIATO»

Hoje, a procissão é dos Trabalhadores! Gente de mãos calejadas que sente (ou sentiu) dificuldades na vida. A maior parte dos quais actua como porta-voz da Mensagem de O GAIATO.

Setúbal:

«Queridos Amigos:

Como há tempo vos disse, ao passar a trabalhar em Setúbal pensei logo em arranjar ali quem quisesse ficar com o nosso jornal. Por isso, na altura, enviei umas novas assinaturas e venho, agora, com mais três...»

Senhora da Hora:

«Sou filha de um operário que foi visitar a vossa Casa, em Outubro. Já aí tinha estado como visita, acompanhada de familiares, mas como convívio fraterno não.

Quando aí estive trouxe ainda mais carinho por todos do que aquele que eu já tinha sem vos conhecer. Por isso, inscrevo-me como assinante do vosso jornal...»

Porto:

«Tenho recebido o vosso jornal, que agradeço.

Acontece que dois companheiros de oficina também desejam inscrever o seu nome para receberem O GAIATO...»

Continua o regresso de muitos que foram leitores em África. Uns não o declaram; mas outros, sim — como este, ora em Rio Tinto:

«Fui, em tempos, assinante de O GAIATO. Depois, ausente-me para Moçambique onde o comprava avulso, sempre que podia.

Por descuido indesculpável tenho deixado correr o tempo sem concretizar a intenção de

o receber directamente, pois nem sempre tenho a sorte de encontrar um dos vossos prestimosos distribuidores.

O jornal faz falta, pois é um actual e valiosíssimo tema de meditação da primeira à última linha.»

Outros leitores-avulso, que não conseguem topar os nossos rapazes, seguem a mesma pista, inscrevendo o seu nome como assinantes.

Cascais:

«Como só consigo comprar O GAIATO quando, por acaso, vou a Lisboa, agradeço, desde agora, me considerem vosso assinante.»

Enquanto for possível, o nosso Padre Carlos continua a lançar as redes em igrejas e capelas do Norte do País. Trabalho fecundo que surte um êxito sem precedentes, graças a Deus. Muitos cristãos não ficam sossegados por dar apenas o seu nome e morada. Querem que outros usufruam do mesmo bem. E aparecem com mais gente interessada pela descoberta que fizeram! Na verdade, milhentas pessoas conhecem a Obra da Rua, sim, mas são muito menos aquelas que recebem ou lêem O GAIATO! Tudo quanto se faça pela difusão do jornal, um campo tão vasto!, resulta naturalmente.

Em resumo, temos novos leitores de Vila Noya de Gaia, Setúbal, Palmela, Catujal (Sacavém), Espinho, Salvador do Campo (Barcelos), Perozinho, Almeida, Fânzeres, Covas do Douro, S. Cosme (Gondomar), Viseu, Carvalhos, Lourosa, Figueira da Foz, Vieira do Minho, Gondomar, Benedita, Póvoa de Varzim, Santo Tirso e Rio de Janeiro (Brasil).

Júlio Mendes

Partilhando

● Hoje, a manhã era de vento tão seco e frio que o despertador nem se ouviu tocar. E o acordar atrasado, só por si, tem um sabor desagradável pela precipitação que traz. Mas também é um bom espalhador da preguiça da manhã. Então, ainda esfregávamos os olhos e já o «Pernalonga», com olhar bem desperto e ar de trabalhador, vinha preocupado chamar o «Mestre» para o ajudar a assistir a mais um parto na vacaria. O «Mestre», actualmente, já não é vaqueiro. É tipógrafo. Mas para os novos vaqueiros, ele continua a ser o mestre, o vaqueiro. E o parteiro também. E aí vai ele, sem vaidade mas com gosto e jeito assistir ao parto. Na sua oficina ninguém sabia dele. Apercebi-me disso e avisei onde ele estava. Passados uns minutos, aí vem ele, o «Mestre», o primeiro a dar a notícia: «É uma tourinha grande e correu tudo bem». «Tudo bem», a começar nele, na sua disponibilidade, na confiança depositada nele pelos novos vaqueiros, no seu apego saudável ao trato com os animais e na sua missão cumprida de assistência à vida. Uma vida que é escola, enriquecimento da sensibilidade, matéria de conhecimentos e de encontro humano com a Natureza. Nes-

te encontro está a importância deste acontecimento simples. Um pede, o outro ajuda e todos recebem o fruto da colaboração. «Uma tourinha grande» é a afirmação da unidade entre o pequeno e o grande de tudo o que é verdadeiramente simples. Não há contradições. Há verdade. Há sentido prático do natural. Há o mistério da vida. Há até uma ligação com o Natal de todos os natais: «Um Menino Deus». Onde é que a pequenez e a grandeza estão mais unidos?

● Na véspera de Natal houve outro acontecimento natalício. Na vacaria. Desta vez sem a ajuda de ninguém; mais uma vitelinha! Com a chegada do Natal as nossas vaquinhas deram-nos também as suas prendas. Prendas esperadas depois de longos meses de cativeiro, problemas vários. Tudo porque faltava uma vitamina libertadora!

E querem saber o nome que os vaqueiros deram a esta última vitelinha? «Véspera». É fácil ver a razão do nome, e mais difícil a imaginação. «Véspera» é mais uma prenda de Natal de tantas que recebemos com amor! E a Deus e aos homens, um obrigado pelos dons da Vida!

Padre Moura

PROBLEMAS SOCIAIS

Pessoa amiga da região da Bairrada pede-nos acolhimento para quatro irmãozitos e conta uma história extremamente triste. Como não era possível de imediato e convinha que o caso fosse visto criteriosamente, endossámo-lo a Padre Abraão e ele nos diria o que verificasse. Eis a resposta:

«Fui lá. Que miséria a dos quatro pequenos e do avô! Miséria das misérias..., porque até têm boa casa, se fosse cuidada, e muitas ajudas, se a mãe não fosse uma vadia de cafés e noitadas, onde esbanja o dinheiro da pensão do marido (falecido), a reforma do pai (quase sempre acamado) e o abono dos filhos (completamente ao abandono).

As crianças são normais. Acompanhadas, teriam futuro. O avô é incontente e no quintal é uma montanha de calças e roupa suja que mete medo, bem como nos quartos das crianças e do velhote. São cinco a sofrer o desleixo de uma só pessoa que, aliviada dos filhos e do pai, ficará livre para toda uma vida de desgraça. O problema está nela e não há força legal a obrigá-la a olhar pelos seus. O Juiz de Menores diz que nada mais pode do que retirar-lhe a tutela dos filhos, se houver quem tome conta deles.»

Eis um quadro grave, infelizmente tantas vezes repetido que, nestas colunas, nem novidade é! Que fazer?... «O problema está nela»...! Supunhamos que recebíamos as crianças... — E o pai? Supunhamos que P.e Baptista tinha um lugar para ele no Calvário... — E ela? Se «o problema está nela», que se resolve verdadeiramente, sem resolver o problema dela? Se ela não é capaz de culpa, carece de assistência, como o pai e os filhos. Quem n'a assiste? Se «o desleixo, que são cinco a sofrer», lhe é imputável — quem a julga e lhe dá sanção medicinal? Ou não será delito, objectivo, o esbanjamento e a incúria desta mulher, causadores do sofrimento imerecido das crianças, agora e com projecção no futuro?

Por nós, estamos cansados da ineficácia dos Juizes de Menores que não podem senão... quase nada, porque as leis lhes não permitem mais. E, para defender os fracos — os verdadeiramente fracos, como as crianças — nunca conhecemos senão fracas leis.

Aí está um desafio, um outro teste ao Governo «forte» que nos é prometido: leis fortes para defender os fracos.

Padre Carlos

O nosso Natal

O Menino, na manjedoura, foi bafejado pelos animais — reza a tradição. Como Ele nos tem feito sentir o Seu bafo, mediante tantos que só Ele conhece e nos tornam esta quadra verdadeiramente festiva para além do que merecemos.

A abundância dos dons significa, com certeza, muita confiança na Obra e em seus responsáveis. Mas que dizer da delicadeza e da ternura de que os mesmos dons vêm impregnados?!

São gestos admiráveis como o de uma velhinha que já não é capaz de aprender o jeito da «sociedade de consumo», habituada como sempre foi a uma vida austera e pobre. Por isso da sua pequenina pensão consegue amealhar para reparar. Quantas vezes somos chamados àquele andarito de bairro camarário na Rua do Carriçal!

São Costureiras do Hospital de S.to António que, este ano, em vez do costumado saquinho de pano, mandaram uma graciosa bolsa bordada a esconder o fruto das suas renúncias — grandes, pois, por-

que já é pão familiar o conjunto das suas «migalhas»!

São legendas carinhosas como esta:

«Desculpai não saber exteriorizar por palavras o que sinto por essa maravilhosa Obra, mas o que cá fica reconhece em absoluto o seu maravilhoso alcance.»

Ou como esta:

«Lembro-me da morte e da vida do Padre Américo e desde essa data ficou para sempre essa Obra tão admirável!... Só em Deus se podem construir e sobreviver a tantas vicissitudes e tanto trabalho!... Obra de Deus e só com Deus.

É neste amor que continuo a não me esquecer da promessa que fiz um dia, a mim mesma.

São com os 5 mil escudos que perfazem 40 contos e até quando Deus quiser, vou continuando...»

Expansões de alma humilde e cândida como a deste José que «também faz parte do Nascimento de Nosso Senhor» (E faz, como todos nós baptizados, Corpo da Igreja de Cristo!):

«Peço desculpa pela minha pobreza da minha redacção, pois vou fazer 89 anos no dia 25-12-80. Esta oferta que eu nesta data vos ofereço é também por esta intenção do meu aniversário natalício. Peço ao P.e Carlos que nesse dia, quando for celebrar a Santa Missa, se lembrar também de mim, pois que eu também faço parte do Nascimento de Nosso Senhor.»

Ou reflexões profundas como a de outro José, este na força da vida, a tocar o cerne da

missão de servir, não havia seguramente o egoísmo brutal que por aí campeia, onde as maiorias procuram assentar praça e tu és, possivelmente, um soldado de primeira linha!»

Padre Luiz

Padre Carlos

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª página

viadamente, sobre os deveres destes para com os pais, como nos sugere a primeira leitura do dia, tirada do livro de Ben-Sirá, cuja leitura daria aos filhos em geral, e aos filhos cristãos em particular, excelente motivo para frutuosa reflexão e salutar exame de consciência. Os direitos dos pais sobre os filhos e os deveres destes para com eles, ali expressos, quando assumidos, em pleno, dar-nos-ão uma visão recta do 4.º Mandamento do Decálogo. De modo concreto: o cuidado dos pais na velhice, o não lhes causar tristeza ou dissabores, o ser indulgente para com eles se vierem a perder a razão e o nunca os votar ao desprezo, são imperativos muito esquecidos nos tempos de hoje, em que os filhos, não raro, vêm a casa paterna apenas como pensão completa e o lugar privilegiado para obterem as coisas e os valores que lhes apetece.

Tratar bem os progenitores, com a plenitude que a palavra bem comporta, é uma exigência de justiça que um filho humanamente equilibrado, deverá sempre procurar e, tanto

mais, se conseguir atingir índices ou estados de desenvolvimento cultural que não foram acessíveis àqueles que, muitas vezes com imensos sacrifícios e renúncias, lhes proporcionaram. A atenção, o respeito, a compreensão, a delicadeza e o reconhecimento da própria filiação são aspectos nem sempre verificados. Se os pais devem assumir os seus deveres e, em relação a isso, inúmeras vezes nos temos referido, os filhos que não esqueçam também os seus, sobretudo à medida que vão amadurecendo e crescendo em idade.

● Escrevemos a três dias do fim de 1980 e, quando este número de O GAIATO aparecer na rua, estará cumprida a primeira dezena de Janeiro de 1981. É tempo de balanço de vida e de formular propósitos em relação ao futuro.

No aspecto material quase tudo o que prognosticamos no princípio de 1980 se tornou real. Apenas o pavilhão social polivalente projectado e as duas casinhas para Rapazes casados previstas, não foram possíveis. Graças a Deus, porém, ainda que não venham a faltar canseiras e dores de

cabeça por tal, estão criadas as condições para a respectiva concretização. Para lá de pequenas iniciativas ou de reparações, sempre naturais numa pequena Aldeia como a nossa, estão nos nossos planos, para o ano ora começado, a instalação de uma câmara frigorífica e a dum tanque-piscina, aproveitando um depósito já existente.

Mais importante, porém, do que tudo isso é o que concerne ao bem espiritual e moral dos Rapazes, à sua educação e à sua formação profissional. Precisamos de gente capaz, senhoras a tempo inteiro ou parcial; leigos competentes e sérios, capazes de aproveitarem as potencialidades contidas nas máquinas e instalações de que dispomos; gente disposta a perder a vida para a ganhar. As nossas forças vão naturalmente perdendo vigor e como não é possível, como alguns pensam, uma Casa do Gaiato sem padres a tempo completo, disponíveis e comprometidos totalmente, aqui deixamos o alerta. E terminamos, com os votos de um feliz 1981 para todos, transcrevendo de Pai Américo: «Se o mundo compreendesse bem qual e quanta violência há na



Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa